

A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga no carnaval carioca

HELDER THIAGO MAIA

Universidade de São Paulo, Bolsista Pós-Doutorado FAPESP

Resumo

Após um brevíssimo panorama da representação em outras artes, analiso a presença da Rainha Ginga na cultura brasileira a partir de vinte sambas-enredo de Escolas de samba do Rio de Janeiro, e seus respectivos desfiles, entre os carnavais de 1972 e 2019. Com base no material encontrado e nas análises realizadas, podemos dizer que há dois momentos distintos na representação da Rainha angolana: entre as décadas de 70 e 90, quando Ginga estava ligada à Congada e à Coroação de Reis, e entre as décadas de 00 e 10, quando foi narrada principalmente a partir das ideias de resistência e liberdade.

Palavras-Chave: Rainha Ginga; Carnaval; Rio de Janeiro; Congada; Liberdade.

Abstract

After a brief panorama of the representation in other arts, I analyze the presence of Queen Ginga in Brazilian culture from twenty sambas-enredo of Escolas de samba in Rio de Janeiro, and their respective parades, between the carnivals of 1972 and 2019. Based in the material found and the analyses, we can say that there are two distinct moments in the representation of the Angolan Queen: between the 70s and 90s, when Ginga was linked to the Congada and the Coronation of Kings, and between the 00s and 10s, when it was narrated mainly from the ideas of resistance and freedom.

Keywords: Queen Ginga; Carnival; Rio de Janeiro; Congada; Freedom.

Eparei oiá... Oiá.. Oiá
Nesse Império Brazngola
Minha verdade, quem saberá?
Quem sou eu?
Sou Jinga, tô na ginga desse samba
Quem sou eu?
Guerreira que nasceu lá em Matamba
(IMPÉRIO DA TIJUCA, 2010)

A partir dos trabalhos de Selma Pantoja (2014), Inocência Mata (2014), Alberto Oliveira Pinto (2014) e Doris Wieser (2014), podemos afirmar que hoje, em Angola, Nzinga Mbandi, a Rainha Ginga (1582-1663), é percebida principalmente como uma heroína nacional, sendo considerada também, pelos historiadores angolanos, como aponta Mata (2014:25-26), a maior figura política da história do país. Segundo Oliveira Pinto (2014:1) e Wieser (2014:2), Nzinga Mbandi, além de ser um símbolo do nacionalismo e da resistência angolana ao domínio português, é também tomada como um símbolo da própria resistência africana ao domínio e à

escravização europeia. Assim, a partir dessa memória angolana e africana, José Luís Pires Laranjeira afirma que há duas percepções sobre a famosa Ngola¹:

a rainha-mãe, patrona da moderna guerra de independência, que, desde o Ndongo, inspira a fundação do Estado-Nação e os fundadores da nova pátria; a rainha-madona, que, desde a fundação da nova pátria, inspira os seus descendentes como se fosse uma rainha-santa que pudesse interceder pelos que, não possuindo o estatuto de fundadores, afinal constituem a corporificação da nação e da pátria (PIRES LARANJEIRA, 2014:97).

A construção de Nzinga como heroína nacional e continental, entretanto, só ganhou força a partir da década de 60, durante as lutas pela independência angolana, consolidando-se a partir de 1975 com a conquistada independência. O imaginário colonial europeu sobre Nzinga, que a construía, como resume Pantoja (2014:141), como “feroz, inumana e canibal”, foi, então, ressignificado. Assim, a Ngola do Ndongo e Matamba passou a ser entendida de forma unânime como a mítica heroína nacional do movimento colonial; afinal, como aponta Mariana Bracks Fonseca (2012:10), Nzinga, entendida como uma líder da resistência proto-nacionalista, foi a única heroína exaltada tanto pelo MPLA quanto pela UNITA². Como explica Wieser,

A sua transformação em heroína nacional angolana começou na década de 1960 com as lutas pela independência. Depois da declaração da independência em 1975, durante a onda de renomeações toponímicas, o seu nome foi utilizado para ruas, escolas, praças, instituições, e também marcas de produtos alimentícios, como café. Conta também com várias estátuas em Angola, aparece como personagem em romances históricos - e recentemente no filme angolano *Njinga, Rainha de Angola* (2013), realizado pelo português Sérgio Graciano (WIESER, 2017:86).

Essa virada pós-colonial na construção tanto da memória angolana quanto de Nzinga Mbandi, como aponta Mário Lugarinho (2016:91), exigiu a reconstrução de todos os discursos coloniais que antes tinham sido disseminados em torno da agora heroína nacional. No entanto, esse processo, segundo Lugarinho (2016:93), se deu através de uma nova domesticação da personagem histórica que, construída agora a partir de uma perspectiva anticolonial, passou a ser narrada de forma linear e incansavelmente heroica. Nzinga, portanto, ao ser içada como bandeira (Agostinho Neto, 1985), ao ser instituída no panteão nacional angolano, tem sua

¹ De acordo com Joaquim Cordeiro da Matta (1893:123), Ngola é uma palavra do kimbundu que significa aquele que detém a força, aquele que é poderoso; podemos dizer então que, através de um processo de transculturação, o termo passou a significar primeiro Rei do Ndongo e, em seguida, Rei ou Rainha.

² Como também argumenta a historiadora, “Esta abordagem incorre no erro de apresentar conceitos impertinentes para o século XVII, como o de “nação” e “luta de classes” e acabaram por exagerar o papel político de Nzinga na luta contra o colonialismo, sem se embasarem nos documentos históricos” (Fonseca, 2012:10).

potencialidade diminuída e conformada aos interesses institucionais que convenientemente abafam as suas singularidades, na medida em que a homogeneizam a um ideal de Estado e de sociedade, do qual as narrativas [literárias] parecem beber diretamente a fim de dimensionarem-na muito aquém dos discursos que potencializa (LUGARINHO, 2016:95).

Talvez seja cedo demais para apontar para uma outra perspectiva na construção histórica-literária de Nzinga, mas o livro *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo* (2015[2014]), de José Eduardo Agualusa, parece apontar para um terceiro momento na representação da Rainha Ginga, uma vez que, sem deixar de dialogar com os textos coloniais e pós-coloniais, constrói uma narrativa mais complexa da personagem que foge dos estereótipos inumanos tanto da vilã canibal quanto da heroína incansável.

No entanto, uma primeira resposta, ou aquela que melhor responde aos objetivos desta pesquisa e à epígrafe desse artigo, sobre quem seria a Rainha Ginga, pode ser dada pelo personagem Kadisu que, ao encontrar em uma Cartilha de Instrução Revolucionária (CIR) a pergunta sobre quem seria a Rainha Jinga, fecha o livro porque conhece a resposta de cor:

<<Quem foi a rainha Jinga>>? – e a pergunta virava logo–logo resposta dele mesmo, de cor, resposta de cartilha fechada: <<...fez a unidade dos povos de Angola, se aliou mesmo com os flamengos para lutar contra o colonialismo português. Lutou toda a sua vida de 100 anos até a hora da morte.>> Nosso camarada Ferrujado, na calidez dele, sempre não desmentia pergunta–e–resposta; corrigia só, quase medroso de sua analfabete: <<Nzinga!>> Sorria, o outro guardava a cartilha no sacador.<<Não é Jinga... É Nzinga Mbande a Ngola Kiluanji Kia Samba.>> Calava, parecia silêncio de pedir desculpas, autocrítica (LUANDINO VIEIRA, 2009:67).

Já que Ferrujado nos chama a atenção, é preciso explicar que o nome da Ngola do Ndongo e Matamba tem sido grafado de diferentes formas a depender, como afirma Pantoja (2010:317), das tendências historiográficas e políticas do escritor e/ou do pesquisador. De forma geral, podemos elencar os seguintes usos: Jinga e Ginga, formas aportuguesadas do kimbundu que aparecem desde os primeiros textos de cronistas e biógrafos europeus, sendo também a forma como se fixou no Brasil; Njinga e Nzinga³, formas mais recentes que tentam se aproximar da fonética do kimbundu, sendo atualmente a forma mais usada em Angola; e Ana Sousa e Ana Nzinga, formas que se referem ao nome de batismo cristão da personagem.

Assim sendo, é preciso dizer que alternaremos entre as formas Nzinga e Njinga, seja para marcar nossa posição ética, seja para respeitar os usos que fazem os autores com quem dialogamos, e as formas Ginga e Jinga, uma vez que o objeto de estudo deste artigo é o imaginário brasileiro da Ngola através dos sambas-enredo do carnaval carioca. Como veremos, Ginga e Jinga são as formas mais utilizadas; no entanto, encontramos também, a partir principalmente de um diálogo entre

³ Segundo Mata (2014:11), Nzinga é uma variante kikongo, Njinga é uma variante do kimbundu.

Escolas de samba, literatura e pesquisadores, que será explicitado mais à frente, o uso de Nzinga e Njinga.

Partindo das afirmações de Mata (2014:25-26), que diz ser Nzinga parte da memória cultural afrodescendente das Américas e do Caribe, por onde sua imagem teria chegado a partir dos porões dos navios negreiros; de Simão Souindoula (2014:107), que indica que os feitos da Rainha atravessaram o Atlântico ainda no século XVII através dos povos escravizados de ngolas, mundongos e matambas; de Câmara Cascudo (1965:32), que afirma que os escravizados angolanos trouxeram para o Brasil o imaginário da Rainha negra de Matamba; e de Pantoja (2010:318), que diz que a forte presença da Rainha Nzinga atravessou o Atlântico e formou parte do imaginário brasileiro⁴; o objetivo desse texto é analisar a representação da Rainha Ginga no carnaval carioca entre os anos de 1972 e 2019.

Nesse sentido, algumas considerações metodológicas devem ser explicadas: o recorte temporal diz respeito ao primeiro e ao último samba-enredo sobre a Rainha Ginga encontrado, não estava, portanto, predeterminado; as letras dos sambas-enredo são a principal fonte para esta pesquisa, no entanto, dialogaremos também com fotos, vídeos e pesquisas produzidas pelas Escolas de samba. Sobre o material encontrado (foto, vídeo, música, letra do samba ou sinopses), podemos dizer que ele obedece a duas variáveis: o ano do carnaval e a divisão em que a Escola de samba se apresenta⁵. Resumidamente, por exemplo, podemos dizer que foram encontradas imagens audiovisuais a partir dos anos 90, no entanto, são mais facilmente localizadas a partir dos anos 2000, mas, além disso, a qualidade das imagens também se relaciona com a divisão na qual participa a Escola de samba, o que significa que as agremiações da primeira e da segunda divisão possuem imagens gravadas pela televisão, enquanto as Escolas dos outros grupos possuem apenas vídeos amadores.

⁴ Como afirma Roy Glasgow (2018:141), a persistência da imagem de Nzinga principalmente no nordeste do Brasil, mas também entre parte da resistência afro-brasileira, deve-se ao fato de que muitos bantos, entre os séculos XVI e XVII, foram embarcados para Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, o que torna possível supor que muitos destes escravizados poderiam ter sido aliados de Nzinga, ou que pelo menos tivessem ouvido falar dela. Nesse sentido, colabora com essa afirmação, o fato de o próprio quilombo de Palmares, criado em 1603 e destruído em 1697, ter a mesma estrutura dos quilombos Jagas.

⁵ O desfile das Escolas de samba no Rio de Janeiro é uma competição organizada em diversas divisões, o que impacta principalmente no dinheiro arrecadado por estas agremiações para produzir o carnaval, no local do desfile e na visibilidade dessas agremiações. De forma geral, podemos afirmar que a partir da terceira divisão as Escolas não aparecem na televisão e não desfilam no principal palco do carnaval carioca: o sambódromo. Como explica César Batista da Silva (2007:47), essa organização dos desfiles em diferentes divisões ocorre desde 1952 e se deve à grande quantidade de Escolas de Samba e à necessidade de dividir as subvenções públicas. A rotatividade entre os grupos é garantida pelo descenso das últimas colocadas de um grupo melhor posicionado e a ascensão das melhores colocadas de outro grupo de divisão inferior. Ao longo dos anos essas divisões receberam nomes diferentes, no entanto, para facilitar a compreensão, uma vez que estamos analisando carnavais ao longo de quase cinquenta anos, indicaremos apenas a divisão correspondente em números.

Também por uma questão metodológica, como forma de facilitar a análise do material encontrado, mas também de organizar esse texto, separamos os sambas-enredo em dois grandes grupos: aqueles que explicitamente têm como enredo a Rainha Ginga e aqueles onde a Rainha Ginga aparece indiretamente a partir de um enredo que não está centrado em sua figura. Apesar de ser uma divisão frágil e arbitrária, isto explica, juntamente com o material que foi encontrado, porque alguns carnavais serão mais analisados do que outros.

Antes de começarmos a análise dos sambas-enredo, é preciso dizer que a representação da Rainha Ginga no Brasil não está restrita, obviamente, ao carnaval carioca. No campo literário brasileiro⁶, por exemplo, a Rainha Ginga aparece nos livros *O trono da rainha Jinga* (1999), de Alberto Mussa, *A Ginga da Rainha* (2005), de Iris Amâncio, *A comida de Nzinga* (2007), de Aninha Franco e Marcos Dias, e *A Rainha Ginga* (2008), de Roberto Benjamin, além de uma breve passagem em *Manual Prático do Ódio* (2003), de Ferréz.

A Rainha Ginga também tem uma forte presença na Congada, na Coroação de Reis⁷, no Maracatu e outras manifestações populares, mas também aparece no cinema, no teatro e na música. Nesse sentido, destaco o filme *Atabaque Nzinga* (2006), dirigido por Octávio Bezerra e estrelado por Taís Araújo e Lea Garcia; a peça de teatro *A Comida de Nzinga*, dirigida por Rita Assemany e estrelada por Clara Paixão⁸, que ficou em cartaz em Salvador entre 2006 e 2009 e depois entre 2014 e 2015; além da música *Ginga* (2018), interpretada por Iza e Rincon Sapiência.

Por fim, é preciso também explicar o título e o subtítulo deste artigo. “A ginga da Rainha” é o nome do samba-enredo da Acadêmicos do Dendê (2015), que tem como uma de suas referências, segundo bibliografia disponibilizada pela Escola de samba⁹, o livro *A ginga da Rainha* (2005), de Amâncio. Além disso, o samba-enredo da Escola faz uma importante apresentação da Rainha Ginga, a partir

⁶ Sobre isto, consultar Maia (2019b).

⁷ É curioso notar que na Coroação de Reis, como aponta Lugarinho (2016:88), Ginga tem nome, mas não tem reino, e o rei do Congo tem reino, mas não tem nome. Nesse sentido, a partir de Fernando Campos (1981:81), podemos dizer que talvez o nome da Rainha Ginga não tenha sido esquecido na cultura popular, entre outras coisas, porque desde o governo da Ngola Nzinga Mbandi, século XVII, até a primeira década do século XIX houve várias Rainhas Gingas que governaram o atual território angolano. Como afirma o pesquisador, “De fins do primeiro quartel do século 1600 até cerca da primeira década do século 1800 foi a Nação do Ambundu quase exclusivamente governada por um escasso número de mulheres a quem os Portugueses usualmente chamavam Rainha Jinga. Essas Rainhas, melhor que os Reis que detiveram o poder geralmente em períodos governativos curtos, tinham o condão de manter a unidade dos seus povos assente em sólidas bases histórico-sociais mas atravessando um período de coesão discutível” (Campos, 1981:81).

⁸ Ver as fotos do espetáculo no Anexo I. Créditos das fotos a Cleiton Libra.

⁹ Além das referências bibliográficas, a Acadêmicos do Dendê, em nome dos seus carnavalescos Severo Luzardo, Clebson Prates e Rodrigo Meiners e de seu pesquisador Jeferson Pedro, também disponibilizou uma sinopse do samba-enredo e uma sinopse do carnaval, o que demonstra um diálogo não só com uma forma textual mais acadêmica, mas também um amplo trabalho de pesquisa que pode ser percebido através das indicações bibliográficas. Essas informações podem ser consultadas em: <<https://bit.ly/2sqh9ro>>. Acesso em 16 jan. 2019.

principalmente das ideias de luta, resistência e orgulho, o que resume, como mostraremos, a narrativa mais recorrente nas duas últimas décadas sobre a Ngola do Ndongo e Matamba.

O subtítulo “Apoteose da Rainha Ginga no Carnaval Carioca” retoma artigo anterior de Mário Lugarinho (2016), cujo texto, juntamente com o artigo de Solange Barbosa (2014), serviu como ponto de partida para esta pesquisa; além disso, o subtítulo aponta também para a pesquisa coordenada por Lugarinho, da qual faço parte, sobre gênero e nação em países de língua portuguesa. Assim, sobre a apoteose da Rainha Ginga no carnaval carioca, explica Lugarinho:

Se, por um lado, apoteose era o ritual romano, celebrado logo após a morte dos imperadores para divinizá-los e introduzi-los no panteão do estado; por outro, apoteose, desde a inauguração da Passarela do Samba no Rio de Janeiro, em 1984, passou a nomear a praça onde as escolas de samba encerrariam seus desfiles - no projeto original de Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, numa coreografia monumental, teria lugar o espetáculo dado por toda a escola que, em conjunto, com todas as alas, passistas e carros alegóricos, evoluiria simultaneamente. Esse projeto não deu certo, ficou apenas o nome dado à praça – a Praça da Apoteose. No entanto, o termo apoteose se fixou no imaginário carioca como momento supremo de fulgor e profundo regozijo, quando todas as referências são celebradas simultaneamente (LUGARINHO, 2016:88-89).

1 Apoteose da Rainha Ginga: da Rainha da Congada à Rainha da Liberdade e da Resistência

Segui
De corpo e alma
No poder na memória do povo
Que hoje luta
Acorrentado sem temer
Estou presente na congada
No ressoar dos tambores
E no grito dessa gente
De verde e branco
Africanizando a Intendente
(IMPÉRIO DA UVA, 2019)

A partir da pesquisa realizada, sem um recorte temporal definido previamente, como já dissemos, encontramos vinte sambas-enredo onde aparecem a Rainha Ginga. Dentre os vinte sambas, oito narram diretamente algum aspecto da vida e da herança cultural da Rainha Ginga, enquanto doze deles a abordam rapidamente ou a tomam como exemplo de algo que não será explicado a partir da sua história. Dessa forma, os carnavais encontrados e analisados foram:

a) Escolas de samba que abordam diretamente a figura da Rainha Ginga: Unidos de Padre Miguel (1977), Unidos de Vila Santa Tereza (1985), Unidos de Bangu (1991), Unidos do Uraiti (2009), Império da Tijuca (2010), Acadêmicos do Dendê (2015), Império da Uva (2019) e Acadêmicos do Engenho da Rainha (2019);

b) Escolas de samba que abordam indiretamente a figura da Rainha Ginga: Acadêmicos do Cubango (1972), Caprichosos de Pilares (1975), Acadêmicos de Santa Cruz (1979), Acadêmicos do Salgueiro (1990), Império do Marangá (1991), Beija-Flor de Nilópolis (2007), Unidos do Cabral (2008), Unidos de Vila Isabel (2012), Difícil é o Nome (2014), Unidos de Bangu (2018), Tupy de Brás de Pina (2018) e Acadêmicos do Vigário Geral (2019).

De forma geral, conforme tabela do Anexo II, podemos dizer que as Escolas de samba cujos enredos abordam diretamente a Rainha Ginga estão concentradas principalmente nas terceira e quarta divisões, o que significa que Ginga é um tema recorrente nos desfiles da Avenida Rio Branco e da Estrada Intendente Magalhães, espaços que estão fora do *mainstream* do carnaval carioca e que recebem pouquíssima atenção dos moradores da cidade, dos turistas e da imprensa, além de trabalharem com baixíssimos orçamentos. Assim sendo, podemos dizer também que a única vez que Ginga invadiu os espaços de visibilidade e de poder do carnaval carioca foi com a Império da Tijuca, em 2010, que desfilou no palco principal do carnaval, o Sambódromo, no dia 13 de fevereiro, na segunda divisão, com o samba-enredo *Suprema Jinga, Senhora do Trono Brazngola*.

As narrativas que abordam indiretamente a Rainha Ginga estão melhor distribuídas, uma vez que metade das agremiações desfilaram na primeira e na segunda divisão. Essas aparições, entretanto, ao mesmo tempo que reafirmam a presença de Ginga no carnaval, garantindo a sua memória alguma visibilidade,

pouco acrescentam a sua história e representatividade, uma vez que a narrativa sobre ela é pouco desenvolvida. Produzindo, portanto, uma visibilidade que podemos chamar de fantasmagórica. Nesse mesmo sentido, podemos inferir que muitas vezes um público que desconhece previamente o enredo da Escola e/ou a história da Rainha angolana tende a confundir o seu nome com o verbo gingar¹⁰.

O carnaval das Escolas de samba do Rio de Janeiro, no entanto, não pode ser resumido à apoteose do dia do desfile; ao contrário, o carnaval é um trabalho realizado durante longos meses, que começa a ser produzido logo depois de cada desfile, envolvendo afetiva, educativa e profissionalmente as comunidades onde estão localizadas as Escolas, e que abrange, entre outras coisas, a definição e a pesquisa dos temas, as disputas pela escolha do samba, a produção de fantasias e carros alegóricos e os ensaios preparatórios para o desfile. Nesse sentido, podemos dizer que é principalmente nesse trabalho das comunidades, especialmente da zona norte e oeste da cidade, ao longo do ano, que a memória da Rainha Ginga ganha vida, história, corpo e representatividade.

Do ponto de vista cronológico especificamente dos sambas-enredo com referências explícitas a Ginga, nas décadas de 70, 80 e 90, há o padrão de um samba-enredo por década, respectivamente em 1977, 1985 e 1991. Nas últimas duas décadas, no entanto, a Rainha angolana passou a ser um tema mais presente, uma vez que se tornou enredo de cinco carnavais, em 2009, 2010 e 2015, além de duas Escolas que se apresentarão em 2019.

Referências indiretas à Rainha Ginga, ainda a partir do tempo, são mais variáveis, no entanto, também podemos apontar um crescimento na aparição da personagem, especialmente na última década. Nesse sentido, há três sambas na década de 70, não há sambas nos anos 80, dois sambas na década de 90, dois nos anos 00 e cinco na última década. Esses dados indicam, portanto, que a memória e a visibilidade da Rainha Ginga no carnaval carioca não só estão vivas, mas estão também em expansão nas últimas duas décadas.

No entanto, o que mais nos interessa nesse trabalho é tentar entender como a memória da Rainha Ginga tem sido representada e recriada ao longo dos anos pelo carnaval carioca. De forma geral, podemos dizer que há uma mudança nesse lugar ocupado pela soberana angolana no imaginário carnavalesco. Nas décadas de 70 e 80, por exemplo, das cinco referências diretas e indiretas sobre a Rainha, quatro abordavam a partir do ponto de vista da Congada e da Coroação de Reis. Na década de 90, as duas referências indiretas abordaram a partir da Congada e da literatura de cordel, enquanto que a Unidos de Bangu, em 1991, desde o título do enredo, *Ginga, Palmares e Liberdade*, constrói a Rainha Ginga como "semente" para Palmares e como sinônimo de liberdade e resistência. Nos anos 00, consolida-se, tanto nas representações diretas, quanto nas representações indiretas, o lugar da Rainha angolana como sinônimo de liberdade e resistência. Por fim, na década de 10, os três sambas-enredos diretos reafirmam o lugar de Ginga como liberdade e

¹⁰ Sobre a relação entre o verbo gingar e a Rainha angolana, consultar Maia (2019b).

resistência, enquanto os sambas-enredo indiretos associam a Rainha à herança cultural africana, à liberdade, à nobreza africana e à Congada.

A partir desses dados, podemos dizer que há uma mudança no imaginário sobre a Rainha Ginga no carnaval carioca, uma vez que ela deixa de ser especificamente um assunto relativo à Congada, nos anos 70 e 80, e passa a ser, especialmente a partir dos anos 00, um sinônimo de liberdade, resistência e herança cultural, o que não significa, no entanto, que a referência à Congada esteja definitivamente esquecida. Nesse sentido, talvez seja importante dizer também que a Congada, apesar de ser uma manifestação cultural afro-brasileira importante, que também remete às lutas contra a escravidão, no carnaval carioca, em geral, conforme os sambas-enredo localizados, é tratada como uma manifestação cultural com pouca potência política, sendo dificilmente narrada como um lugar de resistência e liberdade, palavras que se acentuam no imaginário da Rainha Ginga somente quando ela deixa de estar restrita ao espaço da Congada e da Coroação de Reis.

Nos próximos dois pontos, faremos uma apresentação de cada um dos carnavais, a partir das limitações do material encontrado, assim como analisaremos com mais detalhes um samba-enredo com referência direta à Rainha Ginga e depois outro com referências indiretas. Nesse sentido, no primeiro ponto, analisaremos mais detalhadamente o samba-enredo *Suprema Jinga, Senhora do Trono Brazngola*, da Império da Tijuca (2010). No ponto seguinte, analisaremos mais detalhadamente o samba-enredo *Você semba lá... Que eu sambo de cá! O canto livre de Angola*, da Unidos de Vila Isabel (2012).

2 A Ginga da Rainha

A semente da revolta
Foi um marco na história
Da nação a resistência
Negra tão sonhada
Não foi em vão
(UNIDOS DE BANGU, 1991)

No dia 21 de fevereiro de 1977, em uma quinta-feira de carnaval, a Rainha Ginga entra na Avenida Rio Branco e desfila pela primeira vez como tema principal de uma Escola de samba do carnaval carioca, deixando para trás pequenas aparições em outros carnavais. Produzido na comunidade de Vila Vintém e apresentado na terceira divisão, o carnaval da Unidos de Padre Miguel anuncia em seu título: *Ginga, A Rainha da Congada*.

Oito anos depois, em uma sexta-feira de carnaval, dia 17 de fevereiro de 1985, a Rainha Ginga retorna à Avenida Rio Branco pela segunda vez como tema principal de uma agremiação carnavalesca carioca. Produzido pela Unidos de Vila Santa Tereza, na comunidade que tem o mesmo nome, e apresentado também na terceira divisão, o título do enredo anuncia: *Coroação da Rainha Ginga*.

Exceto pela colocação nos desfiles, sétimo e quinto lugar, respectivamente, não encontramos nenhum outro material sobre os dois carnavais. No entanto, com base no título dos sambas-enredo, podemos inferir que a Rainha Ginga é narrada as duas vezes a partir da Congada. Se nada mais podemos afirmar sobre os desfiles, podemos argumentar, contudo, a partir de outras representações da Congada, principalmente nos anos 70, sobre as quais falaremos mais adiante a partir dos enredos indiretos sobre a Rainha angolana, que a Congada no carnaval carioca, antes de ser um enredo que fala sobre liberdade e resistência, é uma narrativa que fala principalmente sobre a beleza e a alegria da festa de reis. É nesse sentido, portanto, que afirmamos, também a partir da análise dos sambas-enredo indiretos, que nos anos 70 e 80 as principais referências à Rainha Ginga eram a Congada.

À possível narrativa de beleza e alegria, outros elementos começam a ser acrescentados quando em 10 de fevereiro de 1991, domingo de carnaval, a Unidos de Bangu entra na Avenida Rio Branco com o empolgante samba-enredo *Ginga, Palmares e Liberdade*. Produzida no bairro de Bangu e apresentado na quarta divisão do carnaval, o samba-enredo da Escola, composto por Dorado, Sentera e Nelson Cachorro, constrói a "linda" Rainha negra de Angola como uma semente do Quilombo dos Palmares, "reino africano onde impera a liberdade", que chegou ao Brasil com um "ideal de liberdade" em "infernos flutuantes". Ginga é, portanto, "liberdade ou morte", é um "sonho de felicidade", é a "semente da revolta", cuja luta "não foi em vão". A partir do trecho do samba logo abaixo, podemos dizer, então, que o carnaval de Bangu possivelmente inaugura uma nova narrativa sobre a Rainha Ginga ao construí-la como sinônimo de liberdade e resistência.

Helder Thiago Maia – ” A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ... ”

Ginga rainha negra
Linda de Angola
Ginga liberdade ou morte
Vindo de terra distante
Nos infernos flutuantes
O negro aqui chegou
Com ideal de liberdade
[...]

Quarenta bravos indomáveis
Arrebentam correntes
Derrubam grades
Com a semente de Ginga
Rainha linda
Fundam os palmares
O reino negro
Onde impera liberdade

Liberdade, liberdade
Rainha Ginga sonho de felicidade
Oh luz infinda

A semente da revolta
Foi um marco na história
Da nação a resistência
Negra tão sonhada
Não foi em vão (UNIDOS DE BANGU, 1991).

Em 2009, a Unidos do Uraití, do bairro Colégio, apresenta na Estrada Intendente Magalhães, na sexta divisão do carnaval carioca, no dia 24 de fevereiro, terça-feira de carnaval, o samba-enredo *Ginga, a rainha quilombola*. O samba composto por Waltinho, Marcelinho, Beto Carreirinha e Nino¹¹, a partir de diferentes manifestações culturais, mas principalmente a partir da Coroação de Reis do *Auto dos Maçambiques*¹², constrói a Rainha Ginga como "rainha quilombola", "heroína africana", "guerreira genial" e "rainha soberana" que "defendeu seu povo da escravidão". O samba reafirma, portanto, retomando inclusive o tópico da Coroação de Reis como parte do próprio samba-enredo, a Rainha Ginga como sinônimo de liberdade e resistência, o que também pode ser constatado na Sinopse do enredo, assinada pelo carnavalesco da Unidos do Uraití, Bráulio Malheiro, que escreve:

¹¹ O samba-enredo pode ser ouvido no seguinte endereço: <<https://bit.ly/2FTbQsj>>. Acesso em 22 jan. 2019.

¹² Sobre o Auto dos Maçambiques, consultar <<https://bit.ly/2CCN9Nr>>. Acesso em 22 jan. 2019.

Nzinga Mbandi Ngola, rainha de Matamba e Angola nos séculos (XVI-XVII), foi uma das mulheres e heroínas africanas cuja memória mais tem desafiado o processo de resgate da memória do imaginário cultural da diáspora africana. Tal como no folclore brasileiro com o nome de Ginga; despertou o interesse dos iluministas como a criação de um romance inspirado nos seus feitos (Castilhon, 1769) e citação na *Histoire Universelle* (1765); é cultuada como a heroína angolana das primeiras resistências pelos modernos movimentos nacionalistas de Angola; e tem despertado um crescente interesse dos historiadores e antropólogos para a compreensão daquele momento histórico que caracterizou a destreza política e de armas desta rainha africana na resistência à ocupação dos portugueses do território angolano e consequente tráfico de escravos. Contemporâneos de Zumbi dos Palmares, esse um outro herói brasileiro. Ambos compartilham de um tempo comum de resistência: o quilombo! (UNIDOS DO URAITI, 2009).

Era, enfim, um sábado de carnaval, do dia 13 de fevereiro de 2010, quando a Rainha Ginga finalmente entrou na Passarela do Samba/Sambódromo, se não o principal, pelo menos o mais visível dos palcos do carnaval carioca, com o vibrante samba-enredo *Suprema Jinga, Senhora do trono Brazngola*. É, portanto, com a Império da Tijuca, e a comunidade do Morro da Formiga, que a Rainha Ginga chega às transmissões televisivas do carnaval. Nesse dia, o repórter da Bandeirantes, Alexandre Tortoriello, anuncia o início da transmissão dizendo que a Império da Tijuca conta a história de uma Rainha africana "com uma história bastante controversa", que "teve cem maridos" e "tem um nome bastante difícil"¹³. De forma resumida, podemos dizer que o samba reafirma o lugar da Rainha Ginga como sinônimo de liberdade e resistência. No entanto, falaremos mais detalhadamente sobre este carnaval mais adiante, no subtópico desse ponto.

No dia 16 de fevereiro de 2015, segunda-feira de carnaval, a Rainha Ginga volta à Estrada Intendente Magalhães com o carnaval *A ginga da Rainha*¹⁴, da Acadêmicos do Dendê, da Ilha do Governador, que desfilou ao longo de 22 alas na quarta divisão do carnaval carioca. O samba-enredo, interpretado por Dou'm Guerreiro, constrói Ginga principalmente a partir da "Luta pela sua liberdade", da valentia, da "defesa do povo contra a colonização", da união dos povos africanos em torno da sua figura e do orgulho que a sua história provoca. Podemos dizer, portanto, que o enredo fala principalmente sobre luta e resistência, como a própria Sinopse, produzida pelo pesquisador Jeferson Pedro, explica:

¹³ O desfile completo da Império da Tijuca pode ser assistido no seguinte link: <<https://bit.ly/2T4gBD6>>. Acesso em 22 jan. 2019.

¹⁴ Trechos do desfile podem ser vistos neste link <<https://bit.ly/2S72T5d>>. Acesso em 24 jan. 2019.

Lutar, resistir e vencer! A trajetória de uma negra mulher guerreira desperta na África, atravessa o tempo e se faz presente nos dias de hoje quando os corações de toda humanidade anseiam por direitos de igualdade e liberdade para todos.

É na antiga África que os atabaques batem para Ginga! Batem pela revolução, saudando a voz da indignação que se levantou entre os negros e espalhou a fama da valente rainha por todo aquele continente. Ginga, a rainha africana é um exemplo a ser seguido em vários momentos ao longo da história. [...]

Vamos então mais uma vez aproveitar o carnaval [...] para, emocionando as pessoas, fazê-las meditar sobre a negritude brasileira.

É lá que os brasileiros buscam inspiração para a "ginga" do dia-a-dia. [...] na hora de lutar e vencer o inimigo, a herança africana fala mais alto. Faz o sangue correr acelerado o coração pulsar apressado. É a voz da Rainha Ginga que se aproxima de cada um e dá firmeza para vencer as batalhas que vencemos todos os dias (ACADÊMICOS DO DENDÊ, 2015).

Apesar do absoluto silêncio sobre as questões de gênero que envolvem a Rainha Ginga, encontramos na Sinopse um cuidadoso resumo da história da Rainha angolana, o qual, assim como o samba-enredo, remete às suas origens e à luta contra a colonização, assim como à importância da memória sobre Ginga para os movimentos nacionalistas e independentistas africanos e para a cultura brasileira. Além disso, destacamos também a rica bibliografia indicada pelos carnavalescos e pelo pesquisador, que inclui fontes históricas como António Cavazzi, Domingos Gonçalves, Joseph Miller e Selma Pantoja, assim como o texto literário *A ginga da Rainha* (2005), de Iris Amâncio.

No desfile, apesar da grande dificuldade em entender o carnaval da Escola, uma vez que as fantasias pouco explicam, podemos destacar a Comissão de Frente, que remete à luxuosa comissão da Império da Tijuca (2010) e o primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira que parecem reconstruir a Coroação de Reis, assim como o primeiro carro alegórico. Além disso, exceto pelo título, pouco podemos relacionar o carnaval ao livro de Amâncio.

Por fim, nos próximos dias 04 e 05 de março de 2019, segunda e terça-feira de carnaval, a Império da Uva e a Acadêmicos do Engenho da Rainha desfilarão, ambas na Estrada Intendente Magalhães, pela quarta e terceira divisão, os sambas-enredo *Rainha Nzinga, símbolo de resistência africana*¹⁵ e *Matamba, o sonho de uma rainha*¹⁶, respectivamente.

O samba-enredo da Império da Uva é importante não só por apresentar uma versão mais complexa da Rainha/Rei Nzinga, especialmente em relação às questões de gênero, o que aproxima o samba do livro de Agualusa (2019)¹⁷, uma vez que já em seu início temos a afirmação de que Nzinga é "rei e rainha africana", mas também por narrar grande parte da vida do Rei/Rainha angolano/a. Além disso, confirmando o que se tem produzido de representação sobre Nzinga desde a década de 90, a história do/a Rei/Rainha remete novamente às ideias de luta e resistência.

¹⁵ O samba pode ser ouvido em: <<https://bit.ly/2B82vdd>>. Acesso em 22 jan. 2019.

¹⁶ O samba pode ser ouvido em: <<https://bit.ly/2AZOQof>> e <<https://bit.ly/2HoaVm9>>. Acesso em 22 jan. 2019.

¹⁷ Sobre questões de gênero e sexualidade na narrativa sobre Nzinga e Agualusa, consultar Maia (2019a).

De acordo com a sinopse apresentada pela Escola, de autoria do carnavalesco Marco Antônio Falleiros, o desfile será dividido em três setores. No primeiro, sob o nome de "Ndongo, as Raízes do Meu Povo", a Escola apresentará as origens familiares de Nzinga, além das profecias dos "grandes feiticeiros", os kimbandeiros. No segundo, chamado de "A Invasão Portuguesa e os Tratados Comerciais", os destaques serão o reinado do irmão da/o futura/o Ngola, os interesses portugueses na região, o rapto e o comércio de pessoas para serem escravizadas e a atuação de Nzinga como embaixadora, onde é provável que a cena da escrava-cadeira seja performada.

Por fim, no último setor, sob o nome de "Resistência - A Soberana de Ngola", será narrado o reinado de Nzinga, especialmente as guerras contra os portugueses e as alianças com holandeses, assim como a herança cultural de Nzinga no Brasil, especialmente a Congada. Além disso, a Escola também abordará o harém de Nzinga, formado por mulheres, que no nascimento eram designados como homens, assim como o fato de Nzinga viver como homem e exigir ser tratado como Rei. Vejamos, então, parte da Sinopse que é apresentada em forma de poesia:

Meu nome ultrapassa o tempo,
Aqui me imponho outra vez,
[...]
A minha história? São minhas glórias!
O meu povo Ambundo, minha raiz,
São ardilosos em suas feitiçarias,
Kimbandeiros, o divino culto à natureza,
[...]

A invasão de além-mar aconteceu.
Vieram os lusitanos com sanha de riqueza,
Buscavam o brilho da prata e do cobre,
Encontraram resistência!

Fui elevada ao posto de embaixadora,
Me fiz ser respeitada em todos os lugares.
Firmei tratados, fui a voz da minha gente,
[...]

Quando senhora do trono de Ngola,
Me fiz cristã para agradar os luso-aliados!
Ana de Sousa, assim me chamavam,
Tolos foram eles que acreditaram!

[...]
Me fiz rei mesmo sendo rainha,
Pois a subversão era meu lema!
[...]
A minha arma sempre foi a bravura,
Nas minhas veias a raça destemida,
Nem o branco de Holanda comigo podia!

Helder Thiago Maia – " A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ... "

Assim, escrevi meu nome na história,
Na batalha da reconquista, defendi meu povo!
Entre o sangue derramado e as balas de artilharia,
Soberana me mantive, Ngola é valentia!
Por quatro décadas o meu corpo foi escudo,
E a minha mente foi fortaleza,
Até que um dia deste mundo eu parti!
Meu nome virou lembrança,
Minha imagem sinônimo de esperança!
Minha gente no grilhão, acorrentada,
Desesperada e degradada!
Minha gente resistiu, insistiu,
E lembra de mim com alegria!

Eu permaneço viva,
No estandarte da congada,
Entre flores e fitas coloridas!
No ecoar dos tambores,
No grito solto de liberdade!

Eu sou Nzinga Mbandi Kiluanje,
Eu sou a fúria e a temperança!
Eu sou Ana de Sousa,
Sou a astúcia e valentia!
Sou a mulher negra,
Sou rei e sou rainha,
Nzinga! (IMPÉRIO DA UVA, 2019).

A Acadêmicos do Engenho da Rainha é uma agremiação carnavalesca que surge no local da antiga fazenda da Rainha portuguesa Carlota Joaquina. Por isso, talvez, o controverso carnaval da Escola, segundo enredo e sinopse apresentados pelo carnavalesco Léo Jesus, prometa uma aproximação entre as Rainhas Jinga e Carlota Joaquina. De acordo com as informações do carnavalesco, o desfile da Engenho da Rainha será a materialização de um desejo histórico da Rainha Carlota, que teria escrito em seu diário, após assistir ao carnaval carioca em 1809, sobre a vontade de conhecer África, o que nunca chegou efetivamente a fazer. O carnaval da Escola promete, portanto, construir, através de um sonho de Carlota, o seu encontro com a Rainha Jinga. Nesse sentido, Carlota irá a Luanda, onde pedirá perdão à Rainha angolana por "todos os crimes e pecados cometidos pelos invasores no solo sagrado de Matamba" e será coroada por Njinga como Rainha de Matamba. Desse modo, podemos dizer que a visão do carnavalesco é a visão da Rainha branca-colonial. Apesar disso, Njinga é apresentada, ainda que de forma onírica e metafórica, como sinônimo de esperança, de amor e de resistência para o seu povo.

2.1 Suprema Jinga: Senhora do Trono Brazngola

A Comissão de Frente "Kimbandeiros", que foi premiada como a melhor Comissão de Frente e era comandada pelo coreógrafo Júnior Scapin, ao entrar na Passarela do Samba já anunciava o que seria o enredo da Império da Tijuca¹⁸. Formada por 15 bailarinos kimbandeiros, a comissão performava a transição entre gêneros de Nzinga, que ora se apresentava como Rei, ora se apresentava como Rainha, prometendo, assim, trazer para o Sambódromo as diferentes Jingas que habitam a narrativa histórica e literária de Nzinga Mbandi. Sem pretender uma resposta única à pergunta “Quem sou eu?”, que movimenta o desfile, o carnavalesco Jack Vasconcelos¹⁹ anuncia, através da voz de Jinga, na sinopse poética da Escola,

Muito se fala sobre mim.
Como e o que fui, sou e sempre serei.
Verdades ou mentiras,
De certo e com límpida exatidão,
Nunca saberás (IMPÉRIO DA TIJUCA, 2010).

Além das questões de gênero, retiradas possivelmente de António Cardonega e João Cavazzi, que aparecem indicados na Bibliografia fornecida pela Escola (IMPÉRIO DA TIJUCA, 2009), e que hoje nos remetem ao livro da Agualusa (2015), a Sinopse fornecida pela agremiação adota também uma estratégia utilizada pelo escritor angolano Manuel Pacavira em seu livro *Nzinga Mbandi* (1975), que mescla o português com o kimbundu e outras línguas africanas. Além disso, a Sinopse é de grande importância porque assume a voz da Rainha Jinga, que contando poeticamente a sua vida, resume também o enredo da Escola. Entretanto, apesar de inferirmos um diálogo com Agualusa e Pacavira, a bibliografia indica, na verdade, outros dois textos literários: o livro *Ginga, A Rainha de Angola* (2008), do português Ricardo Miranda, e *O Trono da Rainha Jinga*, do brasileiro Alberto Mussa, os quais parecem-nos pouco aproveitados pelo carnaval da Escola. Vejamos, no entanto, parte da Sinopse poética da Império da Tijuca:

Mutu kene ukwenze, kene mutu
(Pessoa sem vigor, não é pessoa)
Muito se fala sobre mim.
Como e o que fui, sou e sempre serei.
Verdades ou mentiras,
De certo e com límpida exatidão,
Nunca saberás.
Chamo-me Jinga,
Mas também posso ser Ginga, Singa, Nzinga, Nzingha, Nxingha, Zhingha...

¹⁸ Infelizmente não há boas imagens da Comissão de Frente, mas ela pode ser vista rapidamente nesse link <<https://bit.ly/2Wh1uYV>> nos minutos 4:16 a 4:46, mas também nesse link <<https://bit.ly/2MrNN5b>>, que traz o ensaio técnico da Escola. Acesso em 22 jan. 2019.

¹⁹ Jack Vasconcelos é o carnavalesco que oito anos depois seria vice-campeão da primeira divisão do carnaval carioca com a Paraíso do Tuiuti, cujo enredo *Meu Deus, Meu Deus, Está Extinta a Escravidão?* ficou internacionalmente conhecido pelas duras críticas ao governo de Michel Temer, que era representado por um vampiro.

[...]

Tornei-me Rainha, Soberana do Ndongo
Absoluta, respeitada.

Rebelei-me contra o poder branco.

Renunciei ao Espírito Santo.

Afiei meu machado nas pedras de Matamba,

Empunhei meu arco e minha flecha,

Recobri-me de peles e dentes,

Vesti-me como varão,

Governei com mãos de ferro.

Eu era o Rei, e assim exigia o tratamento.

[...]

A Rainha Guerreira, a quilombola de Angola.

Reuni legiões, tribos, povos,

Congo, Kassange, Dembos, Kissama.

Unifiquei lideranças para fortalecer a luta,

O reconhecimento legítimo da terra.

Sukula mbutu Ngola ni Kongo!

[...]

Tornei-me heroína, símbolo de uma raça.

Aprenderam a não se render, a lutar.

Atravessei o mar nos porões dos navios negreiros,

Na mente e nos sonhos de minha gente,

Trazidos como escravos para as lavouras e plantações do Brasil.

Corri gira, canaviais, cafezais e minas.

Meus súditos cultivaram-me junto à sua lida.

Continuaram a me coroar em sua fadada luta pela sobrevivência.

Bantos, Iorubas, brancos, caboclos, mestiços.

Sincretizando e miscigenando nessas terras férteis,

Encontro meu trono definitivo.

Meu reinado está presente nos Reisados.

Meus irmãos do Congo santificam-me

Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e da Boa Morte em suas Congadas,

Onde sou coroada junto ao Rei do Congo.

Sou a Rainha das Nações dos Maracatus.

Meu cortejo reverencia os antepassados pelo sereno das ruas.

À meia-noite encontro os desencarnados sob a proteção da Calunga.

Sou a senhora das almas, entidade.

Sou dona do fogo, da magia, do relâmpago.

O desejo incontido, a paixão, a conquista, o arrebatamento, a guerra.

Sou a ventania, o poder da tempestade, a energia dos raios.

Sou a Senhora de Matamba, da espada de ouro.

Rainha do Congá. Eparrei Oiá! (IMPÉRIO DA TIJUCA, 2010).

É, portanto, através dessa aproximação de Nzinga com Iansã que a Escola não só inicia o seu samba-enredo, como também constrói uma narrativa sobre luta, resistência e herança cultural da Rainha Ginga no Brasil. Composto por Márcio André, Djalma Falcão, Ito Melodia, Grassano e Jota Karlos, interpretado por Pixulé e vivenciado pela comunidade do Morro da Formiga, o samba-enredo e o intérprete foram premiados como os melhores do carnaval nessas duas categorias.

O carnaval da Escola foi organizado em cinco setores. No primeiro deles, aborda-se a genealogia de Nzinga, principalmente através dos kimbandeiros, mas também através desses versos do samba-enredo: "Kimbandeiros profetizaram minha sorte / Viram longos tempos negros / Mas me deram braço forte para lutar". No segundo, narra-se as invasões portuguesas durante o reinado do irmão de Nzinga, assim como a atuação desta como embaixadora. Visualmente a narrativa aparece em um carro alegórico que tem na sua frente a famosa cena da escrava-cadeira²⁰, mas também em parte do samba que diz: "A invasão portuguesa, deixando terra sem lei / Tomando toda riqueza, reinando sem rei/ Ai então fui chamada, por meu irmão sucessor".

No terceiro setor, a narrativa está centrada nas questões de gênero, onde destaques de solo performam a transição de Rainha para Rei, que também pode ser percebida no seguinte trecho do samba-enredo "Governei como varão, Quilombola de Angola". No setor seguinte, fala-se principalmente das guerras e da dinastia Jinga, e acentua-se a narrativa da Rainha como sinônimo de luta e liberdade, o que pode ser percebido em vários momentos do samba quando se fala, por exemplo, de "braço forte para lutar", "Mesmo vencida unifiquei nações", "queimo como fogo", etc., mas também, principalmente, através da bateria da Escola que leva o nome de "O exército do Rei Jinga", e que faz uma paradinha inédita com atabaques africanos. Por fim, no último setor, aborda-se, principalmente, a herança cultural de Nzinga no Brasil, como podemos ver nas alas sobre Maracatu e Congada, mas também nos seguintes trechos do samba: "Dona do maracatu, minha espada é de ouro / Sou a luz da meia noite, meu cortejo vai passar / Sou a rainha do Congá".

Assim sendo, através do samba-enredo, mas também através dos carros alegóricos e das fantasias, tendo como grandes temas a luta, a resistência e a herança cultural, a Império da Tijuca constrói uma imagem múltipla sobre Nzinga que passa pela Nzinga-Iansã, pela Nzinga-embaixadora, pela Nzinga-Rei-Rainha, pela Nzinga-Congada/Maracatu, assim como pela Nzinga-Ana Sousa, o que pode ser inferido nesse trecho do samba: "Senhor, a sua luz eu aceitei / Com adversários me aliei"; mas que também pôde ser visto no segundo carro alegórico, cujo nome era "Rainha Católica".

²⁰ A televisão transmite muito rapidamente a cena, mas pode ser vista nesse link <<https://bit.ly/2Wh1uYV>> a partir dos 9m53s. Acesso em 22 jan. 2019.

3 Afro-brasileiro, Mundo Maravilhoso

Rainha Ginga soberana, "ginga" com
sabedoria
O sonho da libertação com valentia
conduz sua missão
Brava mulher guerreira, desiste da fé
cristã
Segue o caminho, em busca de um novo
amanhã
(UNIDOS DO CABRAL, 2008)

De acordo com os dados encontrados e analisados para este artigo, foi a Acadêmicos do Cubango, em 1972, quando ainda desfilava no carnaval de Niterói, que abordou pela primeira vez, no carnaval fluminense, mesmo que de forma indireta, a Rainha Ginga, através do samba-enredo *Coroação de um Rei Congo em Sabará*. Sobre o desfile, em 17 de fevereiro de 1972, assim nos relata o jornal *Diário de Notícias*:

A quarta escola a desfilar foi Acadêmicos do Cubango, que deu <<show>> espetacular. Mais uma vez a famosa agremiação mostrou que samba é aquilo que ela levou para o asfalto da Amaral Peixoto. O enredo <<Coroação de um Rei Congo em Sabará>>, com as alegorias bem vivas e cores bem distribuídas, foi o melhor na opinião dos jornalistas. Cubango está firme no páreo e se perder este carnaval será por pequena margem (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 1972).

A Escola, que efetivamente foi a grande campeã do carnaval de 1972 de Niterói, em seu samba-enredo, constrói a figura de Nzinga a partir da Coroação de Reis. Nesse sentido, como já argumentamos anteriormente, a Congada e a Coroação de Reis são narradas principalmente a partir da beleza do ato cerimonial que encenam. Nzinga, portanto, é descrita a partir dos "trajes divinais" que veste, das coroas que "brilhavam como um astro no céu" e da alegria que imperava na corte, como podemos ver nesse trecho do samba-enredo:

Toda a cidade engalanada
Os negros festejam a coroação
Do Rei Congo, Sua Majestade
Era lindo ver
O ato cerimonial
A Rainha Ginga e o Rei
Com seus trajes divinais
Suas faces mascaradas
Suas coroas brilhavam
Como um astro no céu [...] (ACADÊMICOS DO CUBANGO, 1972).

É preciso deixar claro que não estamos dizendo que não há política em celebrar a alegria e a beleza da Coroação dos reis, há sim. Em tempos ditatoriais, organizar e celebrar a alegria é uma importante estratégia de sobrevivência. No entanto, estamos argumentando que as ideias de resistência e liberdade são tópicos que só

ganham força depois do fim da ditadura quando a personagem deixa de ser descrita somente através da Congada e da Coroação de Reis.

Três anos depois, a Rainha Ginga, ainda antes de ganhar um enredo centrado em sua figura, reaparece na Avenida Rio Branco, na segunda divisão, no dia 09 de fevereiro de 1975, domingo de carnaval, na Caprichosos de Pilares, do bairro de Pilares, através do samba-enredo *Congada do Rei David*²¹. O enredo narra a história do preto velho David, que vivia de caridade, na região mineira de Sabará, mas que nas Congadas, durante o carnaval, se tornava, em oposição à vida cotidiana de privações, um luxuoso Rei Congo. No samba, a Congada, além de ser descrita como um cortejo luxuoso, que tem David à frente, é também entendida como uma festa onde “negros e brancos se uniram”. Ginga aparece no enredo, mediada pela Congada, como uma “rainha enciumada” que “queria o trono conquistar”.

Em 25 de fevereiro de 1979, domingo de carnaval, na Avenida Rio Branco, na segunda divisão, a Acadêmicos de Santa Cruz, do bairro de Santa Cruz, volta a abordar a Rainha Ginga através do enredo *Afro-Brasileiro, e seu Mundo Maravilhoso*. O samba não dialoga diretamente nem com a história de Nzinga, nem com a Congada, mas ao abordar aspectos da cultura afro-brasileira, especialmente o Candomblé, termina por fazer uma breve referência à Rainha angolana.

O samba-enredo, de autoria de Enoque e Ezequias, pode ser dividido em três partes: um canto aos orixás, especialmente Oxum, Nanã e Obaluaê, uma referência ao porte e ao orgulho da Rainha Ginga e um lamento de saudades de África. Especificamente sobre a Rainha angolana, a letra diz que o seu “porte encantou” e que a prisão em uma senzala “Seu orgulho não tirou”. Podemos dizer, então, que os sambas que abordam indiretamente Nzinga começam, com esse carnaval, muito timidamente, a produzir um outro vocabulário sobre a Ngola.

Onze anos depois, Nzinga volta a aparecer no samba-enredo *Sou amigo do Rei*²², da Acadêmicos do Salgueiro, do bairro do Andaraí/Morro do Salgueiro, que desfilou na primeira divisão, em um domingo de carnaval, no dia 25 de fevereiro de 1990. O enredo vencedor, mas relativamente confuso, de Rosa Magalhães²³, narra, principalmente, com base na literatura de cordel e na cultura popular brasileira, a história de Carlos Magno. A partir das festas populares que contam a história do Imperador romano, a carnavalesca começa a apresentar outras expressões populares brasileiras, como as Congadas e as Cavalhadas, e finalmente chega à Rainha Ginga. Nesse sentido, no famoso samba-enredo, a Rainha Ginga aparece muito rapidamente em uma referência à Coroação de Reis:

²¹ Para ouvir o samba-enredo, acessar: <<https://bit.ly/2Hz77OX>>. Acesso em 25 jan. 2019.

²² O samba-enredo pode ser ouvido nesse endereço <<https://bit.ly/2DzQGxO>> e o carnaval completo pode ser assistido nesse link <<https://bit.ly/2FOTDgk>>. Acesso em 25 jan. 2019.

²³ Rosa Magalhães é uma das carnavalescas com mais prêmios na primeira divisão do carnaval carioca. Além disso, foi professora da Escola de Belas Artes da UFRJ.

O rei congo aqui chegou
Pra ser coroado
Neste reino de Xangô
Tumba lá e cá, é Moçambique
Tumba lá e cá, rainha Ginga [...] (ACADÊMICOS DO SALGUEIRO, 1990).

Podemos dizer, então, que o samba-enredo pouco acrescenta ao imaginário carnavalesco de Nzinga. É possível, inclusive, que o nome da Rainha seja confundido com o verbo gingar, uma vez que em outro trecho do samba aparece o verbo: "No gingado das baianas/ Vem meu povo diz no pé". O desfile também pouco acrescenta ao imaginário da Rainha angolana, no entanto, há um tripé chamado "Coroação do Rei Congo" que não só vem com um Rei Congo e uma Rainha Ginga, como também tem um Xangô e uma Dama da Congada. Além disso, um dos casais de mestre-sala e porta-bandeira representam também a Rainha Ginga e o Rei do Congo.

No ano seguinte, no dia 10 de fevereiro de 1991, domingo de carnaval, a Rainha Ginga volta à Avenida Rio Branco, na quarta divisão, com a Império do Marangá, de Jacarepaguá, com o enredo *Do Congo à coroação de rei*, do carnavalesco Clóvis Bornay. O samba-enredo da Escola, apesar de novamente associar Nzinga ao "tema fascinante" da "coroação de reis", acrescenta novas perspectivas a esse imaginário. Nesse sentido, a despeito de algumas imprecisões históricas e geográficas, o samba diz que Ginga "Fez do Congo um grande Reino", mas também que esse reinado foi associado a uma "sonhada liberdade" e a uma memória sobre os Reis que se alastrou em "Danças, jongs e capoeiras", além da própria Coroação de Reis.

Em 2007, Nzinga faz uma brevíssima aparição no palco principal do carnaval carioca, na primeira divisão, em um domingo de carnaval, no dia 03 de fevereiro, com o enredo vencedor do carnaval, *Áfricas - Do berço real à corte brasileira*²⁴, da Beija-Flor de Nilópolis, da cidade de Nilópolis. O samba-enredo, que constrói África, conforme a Sinopse, como "berço real da humanidade", pode ser dividido em três: no refrão, onde se fala da Beija-Flor como uma Escola quilombola, que tem na sua comunidade "Sangue de Rei"; um segundo momento, onde se fala dos orixás como realidades e realezas, como sinônimos de liberdade; e, por fim, a parte final do samba, onde se fala de liberdade, de luta e de resistência principalmente através de Zumbi e Palmares, mas também através da Rainha Ginga e de tia Ciata.

O desfile tinha, portanto, o objetivo de celebrar uma África orgulhosa das suas raízes e da sua herança cultural, ao contrário da imagem recorrente da África no imaginário brasileiro como um lugar de tristeza e sofrimento. Para isso, o desfile foi dividido em sete setores, o primeiro deles fala sobre a gênese mítica africana e o último sobre a Pequena África carioca, a região da Pedra do Sal. No entanto, ao contrário de Zumbi que aparece com destaque em um belíssimo carro alegórico, não há um setor ou carro para a Rainha Ginga. Infelizmente, apesar de ser representada a Coroação de reis, também não encontramos uma referência explícita

²⁴ O samba-enredo pode ser ouvido nesse endereço <<https://bit.ly/2Tf18jQ>>, o desfile pode ser assistido nesse link <<https://bit.ly/2sKnoqb>>. Acesso em 25 jan. 2019.

à Rainha Ginga, ao contrário da Rainha Agotimé que aparece no carro "A luz que vem de Daomé".

No ano seguinte, no dia 03 de fevereiro de 2008, domingo de carnaval, Nzinga volta a aparecer no enredo *República de Angola, seu povo, seus costumes e suas tradições*, apresentado na Estrada Intendente Magalhães, pela Unidos do Cabral, do bairro de Cachambi, na quarta divisão do carnaval²⁵. O samba-enredo, interpretado por Ribamar, narra, principalmente, a África como berço de luta e conquista e a herança cultural angolana no Brasil²⁶.

Além disso, o samba constrói a Unidos do Cabral como uma Escola quilombola e a Rainha Ginga como uma "Brava mulher guerreira" que conduz com "sabedoria" e "valentia" o "sonho de libertação" "em busca de um novo amanhã". A narrativa sobre a Rainha Ginga, portanto, não aparece intermediada pela Congada, mas pela história de luta e resistência africana. No desfile, a presença da Rainha angolana pode ser inferida, principalmente, na última porta-bandeira da Escola.

A Rainha Ginga volta à passarela principal do carnaval carioca, ainda que como um tema secundário do enredo, quatro anos depois com a Unidos de Vila Isabel, na primeira divisão, desfilando no amanhecer do dia 20 de fevereiro de 2012, segunda de carnaval, com o samba-enredo *Você semba lá... Que eu sambo cá! O canto livre de Angola*²⁷. No subtópico desse ponto, falaremos com mais detalhes sobre o samba-enredo e o desfile. No entanto, de acordo com a Sinopse assinada pela carnavalesca Rosa Magalhães e pelo historiador Alex Varela, o enredo fala sobretudo dos laços afetivos, linguísticos e de sangue que unem Brasil e Angola.

De acordo com a Sinopse, essa narrativa é construída principalmente a partir da história da Rainha Njinga. É, portanto, a história da Rainha angolana que vai permitir à Escola abordar tanto o processo colonial português de captura e escravização de povos africanos quanto a herança cultural angolana no Brasil. Nesse sentido, vejamos uma parte da longa Sinopse:

No século XVII, a região de Angola era governada por uma rainha chamada Njinga, que era ambundo pela linhagem materna e jaga, pela paterna. Expressão do encontro de dois grupos étnicos, que apesar de semelhantes, tinham organizações distintas, Njinga os governou com sabedoria. A persistência do incômodo causado pelo seu sexo, entretanto, levou-a a assumir um comportamento masculino, liderando batalhas pessoalmente e vestindo de mulher seus muito concubinos, que faziam parte de seu harém.

Apesar da fama de Njinga ter sido construída na luta da resistência contra o domínio de Portugal, entre os portugueses o reconhecimento de seu talento político e capacidade de liderança surgiu a partir de seu desempenho como chefe de uma embaixada que o então Ngola do Ndongo, enviou ao governador português, em 1622. Recebida com uma pompa que deve tê-la impressionado, Njinga também teria causado impacto entre os portugueses ao agir e falar no mesmo idioma que o deles, como chefe política lúcida e articulada.

²⁵ Para assistir a trechos dos desfile, acesse o link: <<https://bit.ly/2Uh0sdQ>>. Acesso em 28 jan. 2019.

²⁶ Para ouvir o samba-enredo, consultar: <<https://bit.ly/2Tk8B0Q>>. Acesso em 28 jan. 2019.

²⁷ Para assistir ao desfile, ver: <<https://bit.ly/2RVFEMi>>. Acesso em 28 jan. 2019.

Helder Thiago Maia – ” A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ... ”

O interesse português era um só - mão de obra para outra colônia de além-mar, o Brasil. Embora fossem ricos em minerais, em diamantes, nada disso os interessou. Pois na época, o reino de Angola era o grande manancial abastecedor dos engenhos do Brasil. Sem o açúcar, não havia o Brasil. Sem negros não haveria o açúcar. Sem Angola, não havia negros. E, sem Angola não havia o Brasil. [...]

E lá se vão, num navio abarrotado, sem alimentos adequados, sem sequer espaço para se acomodarem. Levam na memória, os cantos, as danças, os ritmos, as tradições. Levam Njinga e seu espírito combativo, a levam na memória, apesar das ordens para esquecerem tudo (UNIDOS DE VILA ISABEL, 2012).

Em uma segunda de carnaval, no dia 03 de março de 2014, a Rainha Nzinga volta à Estrada Intendente Magalhães, através da agremiação Difícil é o Nome, do bairro de Pilares, na quarta divisão do carnaval, com o controverso samba-enredo *Raio de Luz para os negros – os tambores africanos clamam os orixás a liberdade*. De acordo com a Sinopse do carnavalesco Luiz Cavalcanté, a Rainha Ginga e Zumbi aparecem como sinônimos de liberdade. Entretanto, essa liberdade é antes uma conquista da fé nos "deuses Yorubás", antes uma conquista dos abolicionistas, do que uma luta real de um povo pela liberdade. Nesse sentido, a Sinopse sugere que o carnaval da Escola abordará os navios negreiros, a fé nos "deuses Yorubás", a escravização, a formação dos quilombos e a possibilidade do negro hoje escolher qualquer profissão, como podemos ver nos seguintes trechos:

confiante nos deuses Yorubás, os negros começaram a rezar, pedindo que chegasse a hora em que fossem libertos, mesmo sem saber o que lhes esperava. A fé pedia calma. [...] Rogando para que chegasse a liberdade, um raio de luz, e os deuses Yorubás nos ouviram. Mesmo que tardia, pelas mãos abençoadas, algumas leis surgiram. [...] E assim, nós, os negros, ganhamos nossa alforria pelas mãos dos abolicionistas. Hoje podemos ser doutor, deputado ou ator (DIFÍCIL É O NOME, 2014).

O samba-enredo efetivamente fala das viagens acorrentadas em navios negreiros, da fé nos deuses Yorubás, da crueldade do homem branco, do vento divino que sopra pela abolição, da (suposta) igualdade da Lei Áurea e da saída da senzala para a alforria²⁸. A Rainha Ginga, além de Zumbi, aparece como sinônimo de liberdade, no entanto, enquanto o Rei Zumbi é o "braço da libertação", a Rainha Ginga "tem poder e sedução", conforme podemos ver nos seguintes trechos:

Um grito entoado de liberdade
Rainha Ginga tem poder e sedução
O negro clama por dignidade
É Rei Zumbi o braço da libertação

Sopra o vento divino
No ritual da abolição
Igualdade, aos quatro cantos da nação
Áurea, a minha lei foi assinada
A liberdade tão sonhada
Enfim chegou (DIFÍCIL É O NOME, 2014)

²⁸ O samba-enredo pode ser escutado em: <<https://bit.ly/2CSAiaf>>. Acesso em 28 jan. 2019.

Apesar de toda a dificuldade em encontrar uma correspondência entre o enredo e o desfile, exceto pelo animal print de algumas roupas e de orixás que abrem algumas alas, o carnaval é apresentado com muito entusiasmo por uma comunidade com pouquíssimos recursos financeiros, mas que parece orgulhosa pelo que produz como carnaval²⁹. Nesse sentido, apesar das críticas ao samba-enredo, especialmente quanto ao silêncio sobre as lutas contra a escravização, é visível o esforço da Escola em discutir o preconceito racial através do carnaval.

Dezessete anos depois do samba-enredo *Ginga, Palmares e Liberdade*, a Unidos de Bangu volta a abordar a Rainha Ginga com o samba-enredo *A travessia da Calunga Grande e a nobreza negra no Brasil*. Apesar do enredo não estar centrado na figura da Rainha angolana, Ginga volta ao principal palco do carnaval carioca, na segunda divisão, em uma sexta-feira, no dia 09 de fevereiro de 2018. No entanto, enquanto em 1991 Ginga era a semente de Palmares, e representava liberdade e resistência, em 2018, de acordo com a Sinopse do carnavalesco Cid Carvalho, Ginga é sinônimo de liberdade e resistência, mas é também parte de uma nobreza africana que corre no sangue de negros brasileiros e que produz importantes manifestações culturais. Vejamos um pequeno trecho da Sinopse:

Não somos descendentes de escravos. Somos descendentes de civilizações africanas, de reinados fortes e poderosos. Somos descendentes de reis e rainhas, príncipes e princesas. Somos herdeiros do Alafin de Oyó. Em nossas veias corre o sangue da rainha Ginga de Matamba. [...] Porém, apesar de terem lhes tirado a liberdade, não tinham lhes tirado tudo; eles tinham suas memórias, sabiam quem eram e de onde vinham. [...] E será esse sangue quilombola o eterno elo a nos unir. E através de nossas manifestações culturais, espalhadas pelos cafundós desse país, exaltaremos nossos reis e rainhas negras (UNIDOS DE BANGU, 2018).

O samba-enredo fala da luta e de valentia, mas também do processo de escravização e da chegada ao Brasil, para em seguida nomear Reis e Rainhas africanos que são representativos desses ideais³⁰. São nomeações que servem como exemplificações do enredo, mas que não explicam o que foi dito anteriormente; além disso, o nome da Rainha Ginga é usado também com o sentido do verbo gingar, aparecendo inclusive entre aspas. Assim, lido ou escutado sozinho, desconectado do desfile, o samba pouco acrescenta à história de Nzinga. Vejamos o trecho sobre a nobreza africana:

²⁹ Trechos do desfile podem ser vistos em: <<https://bit.ly/2MA tq Tr>>. Acesso em 28 jan. 2019.

³⁰ Para ouvir o samba enredo, consultar <<https://bit.ly/2FZ q 23 U>>. Acesso em 29 jan. 2019.

Helder Thiago Maia – ” A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ... ”

O brado de Agotime ecoava
Rainha, mãe naê do agongonô
Galanga virou Chico-Rei
Palmares é o meu ylê
Tem festa no quariterê
Seguindo em devoção eu vou
Ao ébano altar da “Ginga”
Toque de cabaça enfeitado
Eu quero ver o negro ser coroado
No porão da fé ôôô
Leva afefé, meu afã (pro mar)
E eterniza esse canto Yorubá (UNIDOS DE BANGU, 2018).

Assim sendo, cabe mais ao desfile, e menos ao samba-enredo, materializar a Rainha Ginga³¹. Nesse sentido, a Rainha angolana aparece algumas vezes ao longo do desfile. Nas duas primeiras aparições, está acompanhada de um Rei Xangô, no primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, representada por Jackeline Gomes³², e no carro abre-alas, representada por Sandra Andrea³³. Além disso, aparece também como destaque de chão da ala “Congada: louvação a Rainha Ginga, Senhora de Matamba”, dessa vez sozinha, performada por Catharine Miranda³⁴. Nesse mesmo ano, no dia 11 de fevereiro, domingo de carnaval, a Tupy de Brás de Pina desfilou na Estrada Intendente Magalhães, na quinta divisão, com o samba-enredo *Império da Tijuca - Na côrte do samba, és o primeiro*. De acordo com a Sinopse assinada pelos carnavalescos Sidney Soares e Indiará Braz, o enredo da Escola do bairro de Brás de Pina é uma homenagem à grandeza e à beleza da Império da Tijuca, que é feita através da recuperação de antigos carnavais da Escola homenageada. A Rainha Ginga, portanto, vai aparecer na Tupy através da releitura do carnaval de 2010 da Império da Tijuca, sobre o qual já falamos. Vejamos o que diz a Sinopse sobre Ginga:

Tijuca de encantos e recantos alegre o meu coração.
Rezo. ao Intrépido guerreiro para fazer um samba de fé. de devoção.
Já fui côrte portuguesa, o minueto eu dancei; Coroado pela Rainha Ginga, grande sorte eu alcancei.
Utopias e viagens aos confins da imaginação.
Negra pérola mulher, encantou meu coração [...]
Orgulhosamente o Tupy vem mostrar
Vem cantar.
Essa escola de gente faceira, escola guerreira.
Império da Tijuca. Na Côrte do Samba és o primeiro (TUPY DE BRÁS DE PINA, 2018).

Apesar da breve referência no samba-enredo³⁵, podemos dizer que a Rainha Ginga é descrita em um sincretismo com São Jorge a partir da beleza, da capacidade

³¹ Para assistir ao desfile completo, entre no link <<https://bit.ly/2B53t9J>>. Acesso em 29 jan. 2019.

³² No link do desfile, disponibilizado na nota de rodapé anterior, pode ser vista aos 5m10s.

³³ No link do desfile, pode ser vista a partir dos 8m20s.

³⁴ No link do desfile, pode ser vista a partir dos 26m36s.

³⁵ O samba-enredo da Tupy pode ser escuta no seguinte link: <<https://bit.ly/2RpfGvg>>. Acesso em

Helder Thiago Maia – "A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ..."

guerreira e da imaginação. No entanto, o nome da Rainha também pode ser entendido como o verbo gingar, como podemos ver no trecho abaixo. No desfile³⁶, entretanto, não encontramos referências diretas à Rainha Ginga.

Ginga, mulata faceira
As armas de Jorge nos protegerão
Ginga na batucada guerreira
Baila comigo na imaginação (TUPY DE BRÁS DE PINA, 2018).

Por fim, no próximo 05 de março de 2019, terça-feira de carnaval, a Acadêmicos de Vigário Geral, do bairro de mesmo nome, e a Rainha Ginga, desfilarão na terceira divisão, na Estrada Intendente Magalhães, o samba-enredo *Mwene Kongo, o reino europeu na África que se tornou folclore no Brasil*. De acordo com a Sinopse assinada por Alexandre Costa Pereira, Lino Sales e Marcus Vinicius do Val, a partir exclusivamente do livro *Rei do Congo: A Mentira Histórica que Virou Folclore*, editado tardiamente em 2016, de José Ramos Tinhorão, podemos dizer que o carnaval abordará a Rainha Ginga a partir da Congada, da Coroação de Reis e do Maracatu, como podemos ver nesse trecho:

No século XVII, com a repercussão dos feitos em Angola de sua Rainha negra Ginga (Nzinga Mbandi), um novo fenômeno cultural ganhou força em Pernambuco. Uma celebração cujo personagem principal do auto não era um rei e sim uma rainha: o Maracatu. Pois de um modo ou de outro, através das festas do Rosário e das Coroações dos Reis do Congo, o imaginário africano foi colonizando o imaginário europeu no Brasil (ACADÊMICOS DE VIGÁRIO GERAL, 2019).

O samba-enredo³⁷ acrescenta a essa narrativa de celebração do "folclore" a ideia de resistência cultural dessas manifestações populares, além da luta pela igualdade e de liberdade. Assim, a Rainha Ginga aparece principalmente a partir do Maracatu pernambucano como podemos ver nesse trecho:

No novo mundo a cultura negra floresceu
Maracatu em Pernambuco nasceu
Pra rainha Ginga homenagear
Tem Calunga pro sagrado evocar
Tradições afrodescendentes (ACADÊMICOS DE VIGÁRIO GERAL, 2019).

3.1 Você semba lá... que eu sambo cá! O canto livre de Angola

A partir da Sinopse, como vimos anteriormente, podemos dizer que a história da Rainha Njinga parece ser o *leitmotiv* que permite à Vila Isabel falar tanto sobre o processo de escravização quanto sobre a herança cultural angolana no Brasil. No entanto, essa não é a impressão deixada, principalmente, pelo desfile da Escola. Por

29 jan. 2019.

³⁶ O desfile da Escola pode ser assistido em: <<https://bit.ly/2WsNtYo>> e <<https://bit.ly/2sVAh0I>>. Acesso em 29 jan. 2019.

³⁷ O samba-enredo pode ser escutado em: <<https://bit.ly/2UqVf37>>. Acesso em 29 jan. 2019.

isso, preferimos dizer que a história de Njinga aparece de forma indireta ao tema principal, que são as relações entre Angola e Brasil.

O samba-enredo, interpretado por Tinga e composto por Evandro Bocão, Arlindo Cruz, André Diniz, Leonel e Artur das Ferragens, pode ser dividido em três temas³⁸. O primeiro deles é a construção de uma narrativa sobre a Unidos de Vila Isabel como um espaço negro, um espaço de luta e como uma das raízes do samba, como podemos perceber nesse trecho do samba-enredo: “Vibra óh minha Vila / A sua alma tem negra vocação / Somos a pura raiz do samba”, assim como nas homenagens a Tia Ciata e Martilho da Vila.

Um segundo momento do samba-enredo, que aparece principalmente no refrão, aborda a história da Rainha Njinga, a “negra de Zambi”, e do seu reinado de luta. Nesse sentido, não só Njinga, mas a própria lua de Luanda, parecem funcionar como guias da Escola e do povo negro no Brasil nas suas lutas de resistência e liberdade, como podemos ver nesse trecho: “Reina Ginga é matamba vem ver a lua de Luanda nos guiar / Reina Ginga é matamba negra de Zambi, sua terra é seu altar”.

Por fim, uma última parte do samba-enredo aborda a ancestralidade angolana e a herança cultural no Brasil, onde aparece a própria história do samba, mas também do jongo, da capoeira, do chorinho, etc. Nesse sentido, o samba fala também do “sangue de Angola”, um sangue de “luta e libertação”, que se perpetuou como parte da herança cultural de Angola no Brasil. Vejamos então uma parte desse samba que fez do dia que clareava na apoteose “um canto livre” de liberdade:

Vibra óh minha Vila
A sua alma tem negra vocação
Somos a pura raiz do samba
Bate meu peito à sua pulsação
Incorpora outra vez Kizomba e segue na missão
Tambor africano ecoando, solo feiticeiro
Na cor da pele, o negro [...]

Reina Ginga é matamba vem ver a lua de Luanda nos guiar
Reina Ginga é matamba negra de Zambi, sua terra é seu altar

Somos cultura que embarca
Navio negreiro, correntes da escravidão
Temos o sangue de Angola
Correndo na veia, luta e libertação
A saga de ancestrais
Que por aqui perpetuou
A fé, os rituais, um elo de amor
Pelos terreiros (dança, jongo, capoeira)
Nasce o samba (ao sabor de um chorinho) (UNIDOS DE VILA ISABEL, 2012)

O desfile da Vila, que estava dividido em 31 alas, 3500 componentes e 7 setores, entretanto, apesar de empolgante e esteticamente fascinante, não constrói a narrativa prometida pela Sinopse e pelo samba-enredo, uma vez que a Rainha

³⁸ Para ouvir o samba-enredo, ver: <<https://bit.ly/2TgXRR2>>. Acesso em 29 jan. 2019.

Njinga tem pouca presença ao longo do desfile. Os primeiros setores, por exemplo, estão concentrados especialmente nas belezas naturais e nas narrativas míticas angolanas a partir das savanas e dos seus animais.

Njinga, assim, tem sua história contada em dois momentos. No terceiro setor, apesar de concentrar a maior parte da narrativa sobre a Rainha, não há a materialização da presença de Njinga. Há, no entanto, um carro alegórico com o harém e alas representando os súditos da Rainha angolana. O harém, entretanto, é formado quase que exclusivamente por mulheres brancas cisgêneras, o que parece problemático tanto do ponto de vista de gênero quanto étnico³⁹. No sexto setor, que aborda as "Festas negras nas Américas", Njinga finalmente aparece em um bonito tripé como parte da coroação do Rei Congo e da Rainha Njinga⁴⁰.

Assim sendo, podemos dizer que, enquanto a Sinopse e o samba-enredo constroem a Rainha Njinga como sinônimo de luta e libertação, o desfile ainda que não restrinja sua história à Coroação de Reis, visualmente também não constrói uma outra narrativa sobre a Rainha angolana. Podemos dizer também que a Vila Isabel efetivamente canta a liberdade e Angola, como promete o samba-enredo, mas Njinga e a lua de Luanda, como guias desse processo, e/ou como *leitmotiv*, têm pouca materialidade no carnaval da Escola.

4 Conclusões

Essa é uma pesquisa inacabada, uma vez que ainda existe material que, quando analisado, pode trazer novas informações. Nesse sentido, o diálogo com outras fontes não analisadas aqui pode não só apontar novas questões nos enredos analisados, como pode também identificar outros carnavais ligados à Rainha Nzinga. Assim, acreditamos que esse texto é um primeiro esforço de sistematização, uma primeira tentativa de apresentação dessa constelação de carnavais sobre a Ngola do Ndongo e Matamba.

A partir de tudo que foi analisado, podemos dizer que a Rainha Nzinga não só segue viva no imaginário cultural carioca, como também está em uma fase de ascensão com cada vez mais agremiações carnavalescas se propondo a narrá-la. Podemos dizer também que se antes a sua narrativa estava restrita à beleza da Congada e da Coroação de Reis, agora, sem abandonar essas manifestações populares, é também sinônimo de liberdade, resistência e herança cultural.

Nesse sentido, pesquisas futuras podem melhor apontar as interferências da ditadura militar brasileira, assim como também o impacto das lutas pela independência de Angola e a transformação da Rainha Nzinga em heroína nacional do movimento anticolonial angolano, na construção dessa narrativa brasileira sobre a Nzinga. É importante também observar como essa mudança de perspectiva na representação da Rainha angolana começa a mudar a forma como é escrito e falado o seu nome. Deixamos, assim, a exclusividade das formas Ginga e Jinga dos

³⁹ O harém de Njinga pode ser visto aos 50min17s do seguinte link: <<https://bit.ly/2RVFEMi>>. Acesso em 28 jan. 2019.

⁴⁰ O tripé da Coroação de Reis pode ser visto, a partir de 1h03min48s, no seguinte link: <<https://bit.ly/2RVFEMi>>. Acesso em 28 jan. 2019.

primeiros carnavais, e encontramos também formas como Nzinga e Njinga nos mais recentes carnavais.

Nos três carnavais que se apresentarão em 2019, por exemplo, um deles no dia 04 de março na quarta divisão e dois no dia 05 de março na terceira divisão, encontramos não só narrativas sobre Nzinga bastante diferentes, uma vez que a Rainha angolana será narrada como luta e resistência (Império da Uva) e como herança cultural (Acadêmicos de Vigário Geral), assim como a partir de uma versão colonial (Acadêmicos do Engenho da Rainha), como também diferentes formas de grafar o seu nome, como Nzinga (Império da Uva), Jinga (Acadêmicos do Engenho da Rainha) e Nzinga/Ginga (Acadêmicos de Vigário Geral).

Por fim, podemos dizer que se as Escolas das duas primeiras divisões costumam trazer uma Rainha Nzinga luxuosa, como se refizessem o cortejo da então embaixadora para Luanda, as Escolas dos outros grupos contam principalmente com o trabalho comunitário e o entusiasmo das comunidades para materializarem a Ngola do Ndongo e Matamba.

Referências

- Acadêmicos de Santa Cruz (1979). *Afro-Brasileiro, e seu Mundo Maravilhoso*. Disponível em: <<https://bit.ly/2B6QeFH>>. Acesso em 25 jan. 2019.
- Acadêmicos de Vigário Geral (2019). *Mwene Kongo, o reino europeu na África que se tornou folclore no Brasil*. Disponível em: <<https://bit.ly/2FVEmdM>>. Acesso em 28 jan. 2019.
- Acadêmicos do Cubango (1972). *Coroação de um Rei Congo em Sabará*. Disponível em: <<https://bit.ly/2RLDI8S>>. Acesso em 25 jan. 2019.
- Acadêmicos do Dendê (2015). *A ginga da Rainha*. Disponível em: <<https://bit.ly/2sqh9ro>>. Acesso em 16 jan. 2019.
- Acadêmicos do Engenho da Rainha (2019). *Matamba, o sonho de uma rainha*. Disponível em: <<https://bit.ly/2HqXS3s>>. Acesso em 22 jan. 2019.
- Acadêmicos do Salgueiro (1990). *Sou amigo do Rei*. Disponível em: <<https://bit.ly/2Sa0Ayq>>. Acesso em 25 jan. 2019.
- Agostinho Neto, Antônio (1985). “O içar da bandeira”, in *Sagrada esperança*. São Paulo: Ática.
- Agualusa, José Eduardo (2015). *A rainha Ginga: e de como os africanos inventaram o mundo*. Rio de Janeiro: Foz.
- Barbosa, Solange (2014). “O espírito da rainha Nzinga Mbandi no Brasil e no Caribe”, in Mata, Inocência (Org). *A Rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito*. Lisboa: Edições Colibri.
- Batista da Silva, César (2007). *Relações institucionais das Escolas de Samba, discurso nacionalista e o samba enredo no regime militar - 1968-1985*. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Beija-Flor de Nilópolis (2007). *Áfricas - Do berço real à corte brasileira*. Disponível em: <<https://bit.ly/2WgSFhS>>. Acesso em 28 jan. 2019.

- Câmara Cascudo, Luís (1965). *Made in Africa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campos, Fernando (1981). “A data da morte da Rainha Jinga D. Verônica”. *África*, Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, 4:79-103.
- Caprichosos de Pilares (1975). *Congada do Rei David*. Disponível em: <<https://bit.ly/2MvV6Zu>>. Acesso em 25 jan. 2019.
- Cordeiro da Mata, Joaquim (1893). *Ensaio de Dicionario Kimbúndu-Portuguez*. Lisboa: Casa Editora Antonio Maria Pereira.
- Diário de Notícias (1972). *Cubango: <<show>>*. Disponível em: <<https://bit.ly/2sMy5Zq>>. Acesso em 25 jan. 2019.
- Difícil é o Nome (2014). *Raio de Luz para os negros – os tambores africanos clamam os orixás a liberdade*, 2014. Disponível em: <<https://bit.ly/2HyKZUZ>>. Acesso em 28 jan. 2019.
- Fonseca, Mariana Bracks (2012). *Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola. Século XVII*. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Glasgow, Roy (2018). *Nzinga: resistência africana à investida do colonialismo português em Angola, 1582-1663*. São Paulo: Perspectiva.
- Império da Tijuca (2010). *Suprema Jinga, Senhora do Trono Brazngola*, 2010. Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://bit.ly/2W0Fstg>>. Acesso em 8 dez. 2018.
- Império da Uva (2019). *Rainha Nzinga, símbolo de resistência africana*. Disponível em: <<https://bit.ly/2RwmEDZ>>. Acesso em 17 jan. 2019.
- Império do Marangá (1991). *Do Congo à coroação de rei*. Disponível em: <<https://bit.ly/2B5hHrn>>. Acesso em 25 jan. 2019.
- Luandino Veira, José (2009). *O Livro dos Guerrilheiros*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Lugarinho, Mário (2016). “A apoteose da Rainha Ginga: gênero e nação em Angola”, in *Cerrados*, Brasília, 25(41) 88-96.
- Maia, Helder Thiago (2019). “Notas sobre donzelas-guerreiras, gênero e sexualidade em A Rainha Ginga de José Eduardo Agualusa”. No prelo.
- Maia, Helder Thiago (2019b). “Entra na roda e ginga: imaginário literário brasileiro sobre a Rainha Nzinga”. No prelo.
- Mata, Inocência (2014). “Representações da rainha Njinga/Nzinga na literatura angolana”, in Mata, Inocência (Org). *A Rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito*. Lisboa: Edições Colibri.
- Mussa, Alberto (2017). *O trono da rainha Jinga*. Rio de Janeiro: Record.
- Oliveira Pinto, Alberto (2014). “Representações culturais da Rainha Njinga Mbandi (c.1582-1663) no discurso colonial e no discurso nacionalista angolano”. *Estudos Imagética*, 1-31.
- Pantoja, Selma (2010). “O ensino da história africana: metodologias e mitos – o estudo de caso da rainha Nzinga Mbandi”. *Cerrados*, Brasília, 19(30):315-328.
- Pantoja, Selma (2014). “Revisitando a rainha Nzinga: histórias e mitos das histórias”, in Mata, Inocência (Org). *A Rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito*. Lisboa: Edições Colibri.

- Pires Laranjeira, José Luís (2014). “Nzinga Mbandi e o sentido banto da modernidade angolana”, in Mata, Inocência (Org). *A Rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito*. Lisboa: Edições Colibri.
- Souindoula, Simão (2014). “A rainha Nzinga: uma figura lendária, patrimônio da Humanidade”, in Mata, Inocência (Org). *A Rainha Nzinga Mbandi: história, memória e mito*. Lisboa: Edições Colibri.
- Tupy de Brás de Pina (2019). *Ojú Obá no Ayê de Oyó*. Disponível em: <<https://bit.ly/2B3Vrhl>>. Acesso em 28 jan. 2019.
- Unidos de Bangu (1991). *Ginga, Palmares e Liberdade*. Disponível em: <<https://bit.ly/2CEmAaZ>>. Acesso em 22 jan. 2019.
- Unidos de Bangu (2018). *A travessia da Calunga Grande e a nobreza negra no Brasil*. Disponível em: <<https://bit.ly/2HD0DhY>>. Acesso em 28 jan. 2019.
- Unidos de Padre Miguel (1977). *Ginga, a Rainha da Congada*. Disponível em: <<https://bit.ly/2FRVdxm>>. Acesso em 22 jan. 2019.
- Unidos de Vila Isabel (2012). *Você semba lá... Que eu sambo cá! O canto livre de Angola*. Disponível em: <<https://bit.ly/2Thlg4H>>. Acesso em 28 jan. 2019.
- Unidos de Vila Santa Tereza (1985). *Coroação da Rainha Ginga*. Disponível em: <<https://bit.ly/2RG2W8x>>. Acesso em 22 jan. 2019.
- Unidos do Cabral (2008). *República de Angola, seu povo, seus costumes e suas tradições*. Disponível em: <<https://bit.ly/2UgZa2u>>. Acesso em 28 jan. 2019.
- Unidos do Uraiti (2009). *Ginga, a rainha quilombola*. Disponível em: <<https://bit.ly/2Ub16ts>>. Acesso em 22 jan. 2010.
- Wieser, Doris (2014). “A Rainha Njinga no diálogo sul-atlântico: gênero, raça e identidade”. *Iberoamericana*, Lisboa, 17(66):32-53.

Helder Thiago Maia – ” A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ... ”

Anexos

Anexo I – Fotos do espetáculo *A comida de Nzinga*

Courtesy of Cleiton Libra



Helder Thiago Maia – ” A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ... ”



Anexo II – Carnavais com presença de Nzinga

REFERÊNCIAS DIRETAS À RAINHA GINGA						
NOME DA ESCOLA	LOCAL DA ESCOLA	GRUPO DA ESCOLA	LOCAL E ANO DO DESFILE	RESULTADO DO CARNAVAL	LUGAR DE GINGA NO ENREDO	MATERIAL ENCONTRADO
UNIDOS DE PADRE MIGUEL	ZONA OESTE	3ª DIVISÃO	1977, AVENIDA RIO BRANCO	7º LUGAR	CONGADA	NENHUM
UNIDOS DE VILA SANTA TEREZA	ZONA NORTE	3ª DIVISÃO	1985, AVENIDA RIO BRANCO	5º LUGAR	CONGADA	NENHUM
UNIDOS DE BANGU	ZONA OESTE	4ª DIVISÃO	1991, AVENIDA RIO BRANCO	5º LUGAR	LIBERDADE, RESISTÊNCIA	LETRA DO SAMBA
UNIDOS DO URAITI	ZONA NORTE	6ª DIVISÃO	2009, ESTRADA INTEN DENTE MAGALHÃES	7º LUGAR	LIBERDADE, RESISTÊNCIA	LETRA DO SAMBA E MÚSICA
IMPÉRIO DA TIJUCA	ZONA NORTE	2ª DIVISÃO	2010, PASSARELA DO SAMBA	5º LUGAR	LIBERDADE, RESISTÊNCIA	FOTOS, VIDEOS, LETRA E MÚSICA
ACADÊMICOS DO DENDÊ	ZONA NORTE	4ª DIVISÃO	2015, ESTRADA INTEN DENTE MAGALHÃES	6º LUGAR	LIBERDADE, RESISTÊNCIA	FOTOS, VIDEOS, LETRA E MÚSICA
IMPÉRIO DA UVA	NOVA IGUAÇU	4ª DIVISÃO	2019, ESTRADA INTEN DENTE MAGALHÃES	----	LIBERDADE, HERANÇA CULTURAL	LETRA DO SAMBA E MÚSICA
ACADÊMICOS DO ENGENHO DA RAINHA	ZONA NORTE	3ª DIVISÃO	2019, ESTRADA INTEN DENTE MAGALHÃES	----	LIBERDADE	LETRA DO SAMBA E MÚSICA
REFERÊNCIAS INDIRETAS À RAINHA GINGA						
NOME DA ESCOLA	LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA	GRUPO DA ESCOLA	LOCAL E ANO DO DESFILE	RESULTADO DO CARNAVAL	LUGAR DE GINGA NO ENREDO	MATERIAL ENCONTRADO
ACADÊMICOS DO CUBANGO	NITERÓI	1ª DIVISÃO NITERÓI	1972, NITERÓI	1º LUGAR	CONGADA	FOTO E LETRA DA MÚSICA
CAPRICHOSOS DE PILARES	ZONA NORTE	2ª DIVISÃO	1975, AVENIDA RIO BRANCO	10º LUGAR	CONGADA	LETRA E MÚSICA
ACADÊMICOS DE SANTA CRUZ	ZONA OESTE	2ª DIVISÃO	1979, AVENIDA RIO BRANCO	9º LUGAR	ORGULHO DA RAINHA	LETRA DA MÚSICA

Helder Thiago Maia – ” A Ginga da Rainha: Apoteose da Rainha Ginga ... ”

ACADÊMICOS DO SALGUEIRO	ZONA NORTE	1ª DIVISÃO	1990, PASSARELA DO SAMBA	3º LUGAR	CONGADA E LITERATURA DE CORDEL	FOTO, VIDEO, LETRA E MÚSICA
IMPÉRIO DO MARANGÁ	ZONA OESTE	4ª DIVISÃO	1991, AVENIDA RIO BRANCO	7º LUGAR	CONGADA E RESISTÊNCIA	LETRA DA MÚSICA
BEIJA-FLORES DE NILÓPOLIS	NILÓPOLIS	1ª DIVISÃO	2007, PASSARELA DO SAMBA	1º LUGAR	LIBERDADE	FOTO, VIDEO, LETRA E MÚSICA
UNIDOS DO CABRAL	ZONA NORTE	4ª DIVISÃO	2008, ESTRADA INTENDENTE MAGALHÃES	8º LUGAR	LIBERDADE	FOTO, VIDEO, LETRA E MÚSICA
UNIDOS DE VILA ISABEL	ZONA NORTE	1ª DIVISÃO	2012, PASSARELA DO SAMBA	3º LUGAR	LIBERDADE E HERANÇA CULTURAL	FOTO, VIDEO, LETRA E MÚSICA
DIFÍCIL É O NOME	ZONA NORTE	4ª DIVISÃO	2014, ESTRADA INTENDENTE MAGALHÃES	7º LUGAR	LIBERDADE	FOTO, VIDEO, LETRA E MÚSICA
UNIDOS DE BANGU	ZONA OESTE	2ª DIVISÃO	2018, PASSARELA DO SAMBA	12º LUGAR	NOBREZAS AFRICANAS	FOTO, VIDEO, LETRA E MÚSICA
TUPY DE BRÁS DE PINA	ZONA NORTE	5ª DIVISÃO	2019, ESTRADA INTENDENTE MAGALHÃES	----	CONGADA E SEDUÇÃO	LETRA E MÚSICA
ACADÊMICOS DE VIGÁRIO GERAL	ZONA NORTE	3ª DIVISÃO	2019, ESTRADA INTENDENTE MAGALHÃES	----	LIBERDADE E RESISTÊNCIA	LETRA E MÚSICA